

**CONFERÊNCIA “O QUE DEVEMOS AO FUTURO – PISTAS
PARA UMA CIDADANIA PLANETÁRIA”**

Terça, 10 de outubro de 2017 | 09h15

Fundação Calouste Gulbenkian, Sala 1

Caro amigo, Prof. Doutor Viriato Soromenho-Marques,

Ilustres Convidados

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

É com muito gosto que a Fundação Calouste Gulbenkian acolhe a Conferência “O que devemos ao futuro? - Pistas para uma cidadania planetária”.

Felicito a Sociedade de Ética Ambiental e o Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa pela realização desta iniciativa e cumprimento de forma muito especial o Professor Viriato Soromenho Marques, um amigo desta Casa, de longa data, que,

entre 2007 e 2009, com assinalável impacto, dirigiu o então pioneiro Programa Gulbenkian Ambiente.

Estou certa que o conjunto de personalidades que hoje iremos ouvir nos aproximarão de caminhos possíveis ou pelo menos das respostas que são mais expectáveis para os temas que escolheram e que a todos nos preocupam.

Se a humanidade viveu progressos extraordinários desde o final da 2.^a guerra mundial, a verdade é que o nosso modelo económico e social entrou em crise: crise dos modelos de produção e de consumo, sim, mas também dos próprios modelos de participação cívica e de representação política, de que os surtos de radicalismo nacionalista são apenas um sintoma.

A sustentabilidade do planeta, nas suas três dimensões – económica, social e ambiental –, é um tema incontornável para uma instituição com vocação intrínseca para temas de longo prazo como a Fundação Calouste Gulbenkian.

Por este motivo e para uma discussão séria sobre sustentabilidade incluímos na nossa agenda a questão da Justiça Intergeracional,

no fundo a responsabilidade com as gerações que nos sobreviverão.

Apesar de ser um tema que vai despertando cada vez mais atenção do debate público, subsistem significativas lacunas quer relativamente à perceção pública e conhecimento específico sobre o mesmo, quer relativamente à inclusão do interesse das gerações futuras nos processos de tomada de decisão e nas políticas públicas.

O desafio que se nos coloca já não é como melhor gerir os recursos que temos ao nosso dispor. Pelo contrário, o que importa hoje é saber como encontrar o melhor modo para gerir a sua escassez, com limites éticos incontornáveis para as nossas decisões.

Com efeito, a relação do homem com a natureza tem uma intrínseca componente ética. Entre o egoísmo do nosso conforto e a solidariedade com as gerações que se seguirão à nossa e que já referi; entre o conhecimento que pode resultar em desenvolvimento ou em destruição; entre a inércia que resulta em omissão ou complacência e a acção lúcida e consequente, estão em causa nada mais, nada menos do que as condições de viabilidade da própria humanidade.

Se não reencontrarmos os necessários equilíbrios fundamentais, podemos passar, rapidamente, da cidade ao deserto, da harmonia à catástrofe.

Quase a terminar, fui buscar uma citação muito querida do meu amigo Viriato Soromenho Marques, de Henry Thoreau, “Mesmo que o homem chegue à conclusão que construiu castelos no ar, a sua obra não está necessariamente perdida; eles estão onde devem estar. Agora só falta colocar os alicerces.”

A Fundação, assumindo-se como agente de mudança, continuará a desenvolver a sua intervenção de forma a contribuir para a produção de conhecimento e para o ensaio de soluções para os principais desafios da humanidade. Porém, é necessário também que todos os sectores sejam mobilizados para em conjunto contribuir para a colocação dos alicerces que sustentem os castelos que fomos construindo.

[Precisamos de um novo olhar para cada um dos sectores. Aqui ficam alguns pontos de partida para essa discussão:



- ao sector público exigem-se novas políticas que melhor incorporem preocupações de justiça intergeracional (incluindo obviamente a vertente ambiental) e promovendo melhor eficiência na gestão dos seus recursos financeiros e humanos, incentivando modelos de governança integrada e novos modelos de contratualização de serviços orientados para resultados.
- O sector privado terá de necessariamente incorporar a variável de impacto nos seus processos de criação de valor, seja através da incorporação de modelos de sustentabilidade ambiental em toda a sua cadeia de produção, seja pelo apoio ao desenvolvimento de novos modelos de negócio em que o impacto social gerado é determinante para o seu sucesso.
- O terceiro sector terá de apostar em novos sistemas de recolha e tratamento de dados de modo a que possa conseguir melhorar a sua intervenção e personalizar o trabalho que desenvolve, indo melhor ao encontro das populações que serve. Numa palavra, num mundo em crescente imprevisibilidade, um novo exercício de cidadania exige um sector público mais transparente, um sector privado mais responsável e um terceiro sector mais eficaz.]

Isabel Mota